

A questão da língua em Ana de Castro Osório

Vanessa Castagna
Università Ca' Foscari Venezia, Italia

Abstract Although the Portuguese writer, activist and publicist Ana de Castro Osório (1872-1935) did not write any works specifically dedicated to the issue of language, some of her writings reveal her understanding of the Portuguese language as an essential element of identity, intrinsically linked to the nation's civilizing mission. In particular, in the years of the First Portuguese Republic (1910-26) several of her works, including children's books, lectures and activist texts, make repeated references to linguistic identity and to Brazil as a bastion of the Portuguese language and civilization.

Keywords Ana de Castro Osório. Luso-Brazilianism. Portuguese language. Language issue. Orthographic reform.



Edizioni
Ca' Foscari

Submitted 2024-04-09
Published 2024-06-26

Open access

© 2024 Castagna | CC BY 4.0



Citation Castagna, V. (2024). "A questão da língua em Ana de Castro Osório". *Rassegna iberistica*, 47(121), 225-230.

DOI 10.30687/Ri/2037-6588/2024/22/012

225

Apesar de a escritora, ativista e publicista portuguesa Ana de Castro Osório (1872-1935) não ter assinado obras especificamente dedicadas à questão da língua, no seio da sua extensa produção é possível identificar algumas contribuições que revelam a sua forma de entender a língua portuguesa como imprescindível elemento identitário, intrinsecamente ligado à missão civilizacional da nação. Em particular, nos anos da Primeira República portuguesa (1910-26) e especialmente após a sua primeira estadia no Brasil no início da década de 1910, em várias das suas obras, incluindo livros infantis, textos de conferências e de militância, registam-se referências repetidas à identidade linguística e, simultaneamente, ao Brasil como baluarte da língua e da civilização lusitana.

Essa postura insere-se numa época caracterizada por uma visão do português precisamente como «língua de civilização» (Pinto 2001), e que, ao mesmo tempo, marca o «afastamento entre a norma europeia e a norma predominante no Brasil» (Pinto 2001, 86) na sequência da reforma ortográfica que entra em vigor em 1911, padronizando a ortografia do português sem qualquer contacto prévio ou envolvimento do Brasil.

Ao longo de cerca de uma década, as referências pontuais à questão da língua em vários textos assinados pela escritora portuguesa explicitam uma noção que alicerça todo o «projeto político-pedagógico luso-brasileiro» (Gomes 2013) que a mesma foi delineando a partir da sua vida no Brasil entre 1911 e 1914, altura em que o marido Paulino de Oliveira foi cônsul em São Paulo e em que o casal entreteceu uma importante rede de relações sociais. No Brasil, Ana de Castro Osório colaborou com o periódico *Portugal Moderno*, editado no Rio de Janeiro, ou a revista *Brasil-Portugal*, entre outras, e estabeleceu relações com as feministas brasileiras da sua época (Cruz 2018).

O projeto de uma ‘grande aliança’ promovido por Ana de Castro Osório alinha-se com a «politização da fraternidade luso-brasileira» (Silva 2021, 193)¹ atuada pelos republicanos portugueses desde a década de Noventa do século XIX, como consequência do Ultimato inglês. Essa tendência manifesta-se em vários momentos da obra da escritora e ativista, que chega a apresentar o Brasil como uma extensão de Portugal, analogamente às colónias portuguesas em África. Assim acontece, por exemplo, em *Em tempo de guerra. Aos soldados e às mulheres do meu país* (1918), onde o elemento linguístico surge como

1 Segundo Silva, o termo luso-brasileirismo designa «as várias evocações e utilizações retóricas de uma suposta ligação especial entre Portugal e Brasil. É um conceito que se sustenta numa certa semântica oitocentista comprometida com o próprio princípio da afirmação das nacionalidades. Poderia ser entendido como sinónimo de brasilofilia se o passado colonial que une os dois países em questão não o obrigasse a ser mais que isso. [...] Um conceito que abarca também princípios mais subjetivos que se situam no campo da emotividade, do simbólico, da imaginação» (2021, 191).

intimamente ligado a essa percepção, por exemplo ao asserir-se que:

Portugueses somos todos, irmanados no mesmo interesse de levantar bem alto o nome da nossa Pátria e onde quer que se encontre um homem ou uma mulher que fale a nossa língua, aí se ergue um hino á glória da raça que soube criar para a civilização o mais formidável movimento da História moderna e deixa para o futuro a expressão da sua grandeza e da sua energia na imensidade do solo brasileiro e nas terras do grande futuro humano, que são as nossas possessões de África.² (Osório 1918b, 124)

Não faltam afirmações do mesmo teor em *De como Portugal foi chamado à guerra. História para crianças*, publicado no mesmo ano, em que o Brasil é visto como extensão de Portugal sobretudo no que se refere à expansão da língua portuguesa, como se depreende deste excerto:

O Brasil é para nós sagrado, e ninguém o pode insultar sem o nosso protesto, porque a sua grande missão futura é afirmar ao mundo as qualidades da nossa raça e impor a nossa língua, que se fala no maior país do continente sul-americano, na África, na Ásia e na Oceânia e não somente na Europa, possuindo uma das mais ricas literaturas e a mais formosa história dos tempos modernos. (Osório 1918a, 34)

Ana de Castro Osório afirma em várias passagens, veementemente, a necessidade de defender e preservar o «predomínio da raça e da língua portuguesa» (38), destacando sempre a grandeza do Brasil no seu potencial de continuação da colonização portuguesa.

Entrando na década de 1920, podem-se explorar pelo menos duas obras permeadas por essa mesma leitura transfiguradora do Brasil: o livro de literatura infantil *Viagens aventurosas de Felício e Felizarda ao Brasil* (1923) e o volume *A grande aliança: a minha propaganda no Brasil* (1924), que reúne os textos das conferências que a escritora proferiu em 1922, numa digressão que a levou a várias cidades do Brasil, nomeadamente Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Pelotas, Porto Alegre, Santa Maria, Curitiba e São Paulo.

Viagens aventurosas de Felício e Felizarda ao Brasil, um livro de leitura aprovado oficialmente, dá seguimento a um primeiro volume de *Viagens aventurosas de Felício e Felizarda ao Polo Norte* (1922) e, segundo o referido pela própria autora em carta dirigida a Monteiro Lobato, teria uma continuação num terceiro volume com «nova viagem ao Rio, Estados do Sul e São Paulo» (Lajolo 2000, 309), que,

² A ortografia dos títulos das obras e de todas as citações foi atualizada.

porém, não chegou a vir a lume. Todo o livro é marcado pela mesma imagem estereotipada do Brasil, onde o bonifrate Felício tem a expectativa de «ver uma formidável manifestação do génio e do trabalho português» (Osório [1923] 1998, 21) e, mais tarde, diante das belezas do Rio de Janeiro, chega a exclamar:

E quando penso que esta cidade, este país, esta gente, tudo isto vem de nós; tudo isto pertence, pelo passado, pela tradição, à nossa raça! (53)

O elemento linguístico assoma associado à suposta irmandade luso-brasileira, quando Felício afirma:

E depois, estar em terra estranha e ouvir falar a nossa harmoniosa língua, citar o nome das nossas terras mais queridas, vir encontrar as nossas comidas e costumes, os provérbios e as tradições, tudo me fazia desejar esta viagem! (54)

As peculiaridades do português falado no Brasil são geralmente omis-sas, em prol da perspectiva assimiladora acima evidenciada, limitando-se a autora a pontuais referências de tipo meramente lexical, com um laivo de exotismo. No livro infantil em análise os brasileirismos evocados são apenas dois, dos quais o primeiro, *chácara*,³ conta com duas ocorrências; o outro é *carambola*, a partir do qual há uma brincadeira entre palavras homónimas, uma indicando o fruto comum no Brasil e a outra associada ao jogo do bilhar (89).

O Brasil, apresentado como «*Terra-prometida*» (83), ou «terra da Promissão» (130), causa de absoluto deslumbramento pela sua natureza luxuriante, em todo o resto é reconduzido à sua matriz lusa, pois

tem o sangue português, tem a história e tem a língua, que ninguém já lhe tira. (80)

Já em *A grande aliança*, no espírito de fervorosa exaltação que passa os textos aí reunidos, a língua portuguesa é apresentada como encantadora (Osório 1924, 187), bela e forte (20). A sua imposição «como uma das mais faladas do mundo» alicerça o sonho dessa grande aliança, para criar «uma nova era de lusitanismo a engrandecer a história!» (13-14). Aliás, os empreendimentos marítimos e coloniais lusitanos são enaltecidos por permitirem a difusão da língua portuguesa, que se mantém entre as mais faladas da Europa (194).

3 *Chácaras*, como refere a autora, «é como se chamam, no Brasil, os quintais e quintas de regalo, que rodeiam a cidade, formando verdadeiros ninhos de verdura» (Osório [1923] 1998, 57).

Como parte do seu projeto de aliança luso-brasileira, como já se aludiu, em 1925 Ana de Castro Osório dirigiu-se por carta a Monteiro Lobato, que ainda não se tinha afirmado como autor infantil, para lhe propor um acordo editorial com que ambos deveriam beneficiar, tocando vários assuntos e reafirmando que não havia

interesse nenhum em continuarmos separados, como vamos estando agora, parecendo que somos dois mundos, quando afinal somos um só e para a sua maior grandeza coletiva devemos todos sinceramente trabalhar. (Lajolo 2000, 309)

Na carta a Monteiro Lobato não falta a menção ao romance *Mundo Novo*, passado quase totalmente no Brasil, que na altura Ana de Castro Osório tinha pronto para ser editado e cuja primeira edição se predispunha a oferecer-lhe. Nesse romance, que bem representa o ideário ao mesmo tempo feminista e nacionalista da autora apostando na «ligação cultural luso-brasileira em direção a um futuro messiânico» (Cruz 2019, 47) para aquelas que considerava as suas duas pátrias, também surge uma referência pontual à língua, indissolivelmente associada ao luso-brasileirismo enunciado acima:

Pois há acaso alguém, demasiado português, num país que tem a nossa história, a nossa língua e o nosso sangue? Pois tudo quanto seja levantar o lusitanismo intransigente não é elevar o Brasil, que será tanto mais uma grande influência moral decisiva, quanto mais fortemente radicado tiver a consciência do seu passado histórico e o orgulho da sua filiação lusitana?!... (Osório 1927, 65)

Como já evidenciou Ângela de Castro Gomes (2013, 15), o grande projeto de Ana de Castro Osório esbarrou com o desencanto de Monteiro Lobato, que respondeu à missiva desmistificando sem rodeios a visão unificadora da escritora portuguesa e, inclusive, identificando na «ridícula reforma ortográfica que a república inventou» (Lajolo 2000, 310), mal recebida no Brasil, um empecilho relevante para a publicação das obras da autora portuguesa naquela que ela continuava a considerar a sua segunda pátria.

Bibliografia

- Cruz, E. da (2018). «Ana de Castro Osório no Brasil. Imprensa periódica, socialidade, política e mercado editorial». *Miscelânea*, 24, 197-218. <https://doi.org/10.5016/msc.v24i0.1225>.
- Cruz, E. da (2019). «Uma feminista portuguesa no Brasil. A propaganda de Ana de Castro Osório no romance *Mundo Novo*». *Revista Araticum*, 19(1), 39-53. <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/araticum/article/view/107/112>.
- Gomes, Â.M. de C. (2013). «A 'grande aliança'. Um projeto político-pedagógico luso-brasileiro na Primeira República». *Anais do XVII Simpósio Nacional de História*. Natal: ANPUH, 1-17. http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1362239883_ARQUIVO_TextoAnaCOsorioanpuh13.pdf.
- Lajolo, M. (2000). «Correspondência entre Ana de Castro Osório e Monteiro Lobato». *Convergência lusíada, Brasil e Portugal: 500 anos de enlacs e desenlaces*, 15(17), 305-11. <https://convergencia.emnuvens.com.br/rc/article/view/877/645>.
- Osório, A. de C. (1918a). *De como Portugal foi chamado à guerra. História para crianças*. Lisboa: Para as Crianças.
- Osório, A. de C. (1918b). *Em tempo de guerra. Aos soldados e às mulheres do meu país*. Lisboa: Ventura e Companhia.
- Osório, A. de C. (1924). *A grande aliança. A minha propaganda no Brasil*. Lisboa: Edições Lusitânia.
- Osório, A. de C. [1923] (1998). *Viagens aventurosas de Felício e Felizarda ao Brasil*. Lisboa: Piaget.
- Osório, A. de C. [1927]. *Mundo Novo*. Porto: Tip. Companhia Portuguesa Editora.
- Pinto, P.F. (2001). *Como pensamos a nossa língua e as línguas dos outros*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Silva, I.C. (2021). «Da fraternidade republicana à imaginação imperial. Usos e abusos do luso-brasileirismo como discurso político». Polónia, A. et al. (ed.), *Não nos deixemos petrificar: reflexões no centenário do nascimento de Victor de Sá*. Porto: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória e Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 191-207. <https://doi.org/10.21747/978-989-8970-40-4/nao>.